

## **Diálogos entre Geografia e Literatura Regional: os garimpos e a formação espacial de Iporá (GO) e seu entorno<sup>1</sup>**

### *Dialogues between Geography and Regional Literature: the garimpos and the spatial formation of Iporá (GO) and its outskirts*

**Vanúbia de Oliveira**

Universidade Estadual de Goiás – UEG  
vanubiaoliveira45@gmail.com

**Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves**

Universidade Estadual de Goiás – UEG  
ricardo.goncalves@ueg.br

---

#### **Resumo**

A Geografia contribui para o conhecimento do espaço e as formas de sua transformação e ocupação pelo homem. Para entender esse processo esta ciência utiliza-se de distintos métodos, metodologias e interlocuções de saberes. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo mostrar como a interlocução entre Geografia e Literatura colabora para a compreensão da relação homem e espaço. Além de resgatar as categorias de análises geográficas, que são importantes para aprofundar o entendimento do espaço humano. A metodologia utilizada contou com procedimentos de pesquisa qualitativa como pesquisa bibliográfica. Foram analisados dois contos “O Mistério dos diamantes”, de Bernardo Élis, e “O Patuá” de Bariani Ortencio. Ambos os contos falam do garimpo, porém vai além da mineração artesanal, por oferecer subsídio de múltiplas informações, podendo ser utilizados como fonte de pesquisas ao mostrar importância dos garimpos na história da formação espacial da cidade de Iporá e seu entorno.

**Palavras-Chave:** Geografia. Literatura. Interdisciplinaridade. Garimpo.

---

#### **Abstract**

Geography contributes to the knowledge of space and the forms of its transformation and occupation by man. To understand this process, this science uses different methods, methodologies, and knowledge interlocutions. Thus, the present research aims to show how the interlocution between Geography and Literature contributes to the understanding of the

---

<sup>1</sup> Parte desta pesquisa resulta de trabalho de conclusão apresentado à Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá, como requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia.

relation man and space. In addition to rescuing the categories of geographic analysis, which are important to deepen the understanding of human space. The methodology used included qualitative research procedures, such as bibliographic research. Two short stories "The Mystery of Diamonds" by Bernardo Élis and "The Patuá" by Bariani Ortencio were analyzed. Both tales talk about garimpo, but it goes beyond artisanal mining, because it offers multiple information subsidies, and can be used as a source of research by showing the importance of garimpos in the history of the spatial formation of Iporá and its outskirts.

**Keywords:** Geography. Literature. Interdisciplinarity. Garimpo.

---

## **Introdução**

O estudo de obras literárias é importante na formação de professores e pesquisadores. É possível explorar obras de arte a partir de um questionamento geográfico e, portanto, conectar distintas dimensões espaciais presentes na literatura. Esta ligação torna-se exequível pela recuperação e valorização das categorias de análise geográfica, registradas nas diferentes manifestações da leitura espacial integrada que, por sua vez, demonstra como as relações humanas são percebidas e vivenciadas em variados lugares.

Aspectos de determinado ambiente geográfico como a vegetação, topografia, hidrografia etc., fazem parte da ambientação de contos, romances, entre outras obras, que também possuem em suas narrativas elementos como cultura, identidade, paixões e modos de vida. Além disso, destacam-se diferentes abordagens geográficas que contam com contribuições da arte e são atravessadas por categorias como território, paisagem e lugar. Elas dão vida à literatura regional.

O diálogo entre Geografia e Literatura, embora seja discutido há muito tempo entre os geógrafos, apresenta constelações de possibilidades de interpretação e representação do espaço geográfico. Cabe ao geógrafo estudar e explicar a geograficidade de uma sociedade, cada vez mais globalizada, emaranhada na imensidão do consumo em massa, fazendo surgir novas identidades ou dissolução destas, provocando mudanças no modo das pessoas se relacionarem com o espaço. Tudo isso requer novos métodos de compreensão do mundo, tal como ele se encontra e utiliza de elementos históricos que possam explicar essas mudanças, que nem sempre são

percebidas pelo sujeito. Assim, entre tantas temáticas indagadas nas pesquisas geográficas está a interpretação lítero-geográfica da sociedade.

Esta pesquisa partiu das possibilidades interpretativas oferecidas pela literatura aos geógrafos que se propõem compreender o espaço e as tramas existenciais tecidas pelos sujeitos que o habitam e o modificam. Portanto, a pesquisa teve como objetivo analisar e identificar nas obras literárias regionais goianas, mediada pelas categorias de análise geográfica, a representação do espaço, dos sujeitos e das paisagens no processo de formação espacial de Iporá (GO) e seu entorno, no Oeste Goiano.

Para isso, buscou-se estabelecer interlocuções entre Geografia e Literatura; mostrar como os contos escolhidos (*O Patuá* e *O mistério dos diamantes*) narram a relação do homem com o garimpo. Perceber que nos contos se configuram as relações sociopolíticas e econômicas responsáveis pelas primeiras relações do homem com o meio na ocupação de Iporá e seu entorno geográfico.

Para execução desta investigação foi realizada uma pesquisa qualitativa em referenciais teóricos que contribuíram com a identificação da geograficidade dentro da literatura. O objetivo aqui não é o de analisar a literatura a partir de referenciais da crítica literária e sim utilizar desta fonte inesgotável de interpretação do mundo para o estudo geográfico como forma de aprofundar a leitura do espaço. Fez-se, assim, o uso da interdisciplinaridade existente nos documentos analisados.

Os embasamentos teóricos considerados na pesquisa dialogaram com pesquisas de Marandola Jr e Gratão (2010), Chaveiro (2013), Vicentini (2007) Barbosa, Neto e Gomes (2004), Élis (1987), Gonçalves (2012), Chaveiro e Borges (2015) e Souza (2015).

A pesquisa justifica-se dada a importância de se buscar fontes interdisciplinares de interpretação do espaço que contribuem para se identificar as formas estruturais que levaram o processo de formação espacial de Iporá e seu entorno, suas condições e interações históricas. Sendo assim, conhecer os limites, os elementos interativos e os agentes sociais de formação. Diante da pouca disponibilidade de material documental que certifique esse processo, fontes da literatura regional somaram-se a pesquisa que foi realizada para construção deste texto.

O diálogo entre Geografia e Literatura, neste contexto, oferece um verdadeiro mosaico de múltiplas informações sobre o sertão de Goiás, sua formação, sociabilidade

e cultura sertaneja. Por meio de romances, músicas, contos e poemas, o espaço goiano é interpretado e representado pelas criações ficcionais de escritores como Carmo Bernardes, Cora Coralina, Bariani Ortencio, Bernardo Élis e Edival Lourenço. Através da literatura estes autores traduziram o modo de vida do sertanejo, relatos de tantos acontecimentos que eram repassados de gerações, que sempre ganhavam vida através da subjetividade de seus protagonistas reproduzidos na história na cultura oral.

Para Sandes (2003, p.30):

A história nacional exige o redimensionamento das identidades locais em torno de um projeto narrativo com capacidade de fundar um sentido de comunhão com capacidade de agregar a diversidade das experiências sociais, bem como fixar uma temporalidade que expresse a passagem da ordem colonial à nacional.

Sendo assim, este trabalho se baseou num conjunto de fontes bibliográficas para entender como a literatura ao narrar as relações do homem com o meio de maneira ficcional também contribui para expressar o movimento contínuo de interação e modificação do espaço geográfico. Assim, a literatura contribui para aprofundar o olhar interpretativo do espaço e da sociedade. Auxilia para se adentrar nas frestas profundas da sociedade e nas quais a ciência moderna não penetrou com seus métodos e técnicas rígidas.

Geralmente, as obras literárias falam sobre os “sertões de tantos”, “sertões de ninguém”, típico lugar de solidão, esquecido por muitos, mas presente na vida do homem do campo, lugar de abandono de muitos sujeitos empobrecidos, dentro de um país desigual. Mas, também expressão da riqueza mineral, de terras e águas, espaço profundo e vasto. Assim o sertão se faz presente dentro da literatura, urdido por distintas representações, hora negativadas, hora positivadas.

Em tempos em que o capital penetra fronteiras de forma frenética por lucros, nem sempre se consegue de forma eficaz identificar quais foram os elementos socioeconômicos e culturais fundamentais na formação da história de uma determinada região. Sabe-se que toda região possui certas condições: história local, economia, política e cultura. Interpretá-la exige o diálogo com distintas fontes de saberes extraídos das ciências e da literatura.

### **Interpretações lítero-geográficas do espaço**

Entender o espaço é mais do que um exercício reflexivo, é também uma maneira de “pensar o ser no mundo”, como afirma Moreira (2010). Os geógrafos e outros intelectuais parecem antagonicos em relação à geografia física x humana. Cada qual criando métodos para explicar o processo de regionalização, ou métodos de diferenciação de áreas, mais ainda, quando se fala na interação histórica entre homem e natureza. No entanto, cabe defender a aproximação e diálogo entre ambas no anseio de interpretação e ação crítica. Cabe ao geógrafo conhecer o espaço, descrevê-lo, explicá-lo e intervir na sua transformação substantiva, o que acarretaria em conhecer os limites, os processos interativos, os elementos de formação e a evolução da sociedade e natureza.

Em meio a um mundo complexo, onde as transformações ocorrem com muita rapidez, entender o espaço agora exige métodos multidisciplinares. Os velhos paradigmas agora precisam cambiar com novas formas do conhecimento, referenciais filosóficos e fontes de leitura da sociedade e da natureza. Daí a relevância do diálogo substantivo entre Geografia e Literatura.

Uma das qualidades da literatura é sua capacidade de ir do particular ao todo. A literatura permite conhecer desde o peculiar de uma sociedade, até mesmo os aspectos mais universais de um povo. De acordo Jr. Gratão (2010, p. 9), “Geografia há tempo tem chamado atenção para a arte, em especial, a literatura. Importantes geógrafos têm levantado o valor da literatura para conhecer e compreender a regiões, paisagens ou lugares”.

Chaveiro e Borges (2016) apontam que a proximidade entre Literatura e Geografia tem ganhado espaço frente aos estudos geográficos. Eles ainda afirmam que a ciência demorou muito a considerar a literatura como fonte de pesquisa e interpretação geográfica, que por um grande período esteve “engavetada” no campo fictício, enquanto a ciência trabalhava com o não fictício.

Dessa maneira, consideram-se os esforços interpretativos da geografia que buscam na literatura regional elementos para melhor compreender o espaço geográfico que certifica o sertão goiano. Logo, descobre-se que a literatura regional funcionaliza a vida que palmilha na sociedade e nos lugares. Expressam itinerários espaciais no meio

hostil em que vivem determinados sujeitos. Discrimina narrativas de suas trajetórias existenciais.

Há uma rica literatura regionalista em Goiás, baseada em escritores como Hugo de Carvalho Ramos, Bariani Ortencio, Bernardo Élis e Carmo Bernardes. Esta produção literária é fonte de interpretações do espaço e dos sujeitos que vivem neste território. Referência para interpretar as paisagens, a cultura e o trabalho no “sertão goiano”.

Os geógrafos têm buscado unir Geografia e Literatura e contribuindo com as análises regional, social e política do espaço. A Literatura contribui, assim, não apenas como documento para as abordagens geográficas, mas também como instrumento de análise da realidade espacial em dimensões materiais e simbólicas. Permite aprofundar nas minúcias da vida, nas paixões, nos sonhos e nos dramas da existência.

Um dos pressupostos analíticos da interlocução entre Literatura e Geografia, por sua vez, é a interação espaço, sujeito e existência. Para que se entenda este processo algumas noções fazem parte da interpretação espacial como: subjetividade, cotidiano e sociabilidade. Nesta pesquisa considera-se que os geógrafos não devem se preocupar em serem críticos literários e sim geógrafos instrumentalizados pela Literatura na análise espacial da sociedade, ao qual se almeja pesquisar e conhecer com profundidade. Como resultado, pode-se construir um saber fecundo sobre o espaço.

Até aqui se percebe a importância de um conjunto de elementos ligados à literatura, que fazem com que a geograficidade de determinado lugar seja entendida. A literatura oferece muitas fontes para a produção do conhecimento, com apoio nas narrativas literárias aos estudos em Geografia quando descreve as relações sociais no espaço e as representações da paisagem. Sintetiza e analisa os fatos presentes nas narrativas textuais mediando a literatura com a análise geográfica. Pergunta-se se a literatura é ou não é um documento para o geógrafo. Fala-se das mediações entre *mimese* (é imitação) x ficção (criação da imaginação, invenção fabulosa). Utiliza-se dos textos como meio de conhecimento dos espaços, modo de vida das pessoas. Encontra-se na literatura constelações de saberes para a geografia. Depara-se também com a interlocução subjetividade do narrador em relação ao vivido. A literatura não só enriquece a geografia na análise espacial e do sujeito, ela permite a interlocução integrada espaço / sujeito.

Desse modo, sujeito/espaço se imbricam substantivamente. Na concepção fenomenológica, os objetos aparecem como fenômenos que se manifestam no tempo e no espaço. Neste sentido, o sujeito busca ao longo do tempo a essência dos fenômenos que estão no espaço, através da valorização da experiência e do percebido. Assim, sujeito e espaço revelam-se integrados, um se torna influenciável ao outro. Sendo, a fenomenologia como um método importante na compreensão do uso da Literatura e Geografia, haja vista que a percepção pela existência é considerada uma etapa metodológica importante, pois compreende o modo como os sujeitos se comportam na relação com o espaço vivido e sentido.

Outra linha que permite identificar o método na mediação entre Literatura e Geografia é o mecanismo de análise marxista. Neste método os elementos centrais são fatores relacionados à dimensão material e contraditória da realidade, a luta de classe, a política e a economia. Espaço e sociedade, o espaço no sentido de totalidade, a sociedade, representando a sociabilidade, as relações de trabalho. O sujeito não se exila das relações socioespaciais, difundido sobre o comando do poder econômico e político (ideologia e alienação do trabalho).

A intenção não é sobrepor uma corrente sobre a outra, fenomenologia e marxismo, mas, identificar nas correntes do pensamento geográfico os métodos que integram elementos epistemológicos para se lançar um olhar crítico sobre o mundo. A consciência do método e sua importância na organização do pensamento atravessam as preocupações daqueles que fazem dialogar literatura e geografia.

A literatura dá visibilidade ao lugar, que é onde o sujeito está no mundo, onde o espaço se torna real. Neste ponto pode ser observado que a interlocução entre Geografia e Literatura tem mostrado caminhos interdisciplinares, ofertando aos geógrafos possibilidades de interpretar as mediações dialéticas entre sociedade e espaço.

### **Conhecer a geografia de Goiás com aportes da literatura regional**

Sendo a literatura uma fonte fecunda para leitura dos lugares, aproximou-se da produção literária regionalista em Goiás. Assim, se referencia em contos sobre garimpo e garimpeiros, além de discussões que envolvem conceitos distintos e escorregadios, como região e sertão, que por vezes não são facilmente explicados, pois enovelam tempos e circunstâncias distintas na formação do território goiano.

A literatura regionalista tem proporcionado subsídios diversificados no campo literário, pois, de acordo com Orlando e Almeida (2008, p. 9) “Os diversos campos do saber, a religião, a arte, a filosofia e a ciência convergem para um único ponto: a apreensão da realidade, resguardadas, claro, suas peculiaridades investigativas e metodológicas”.

Ressalta-se que seja no campo fenomenológico, marxista ou humanístico nos quais cada pesquisa está ligada, direto ou indiretamente, a leitura geográfica demonstra-se enriquecida pelas possibilidades explicativas oferecidas pelo método. Há várias formas do homem se relacionar com o meio e, portanto, de interpretar este processo. A interlocução entre a pesquisa geográfica e a literatura regionalista pode contar com um acervo documental que oferece várias formas de interpretação presentes nos contos, romances, poesias e crônicas. Desse modo, o elemento de análise desta pesquisa tem como respaldo contos de dois escritores, Bernardo Élis e Bariani Ortencio.

Com efeito, diante do que foi exposto, faz-se relevante o uso da literatura nos estudos geográficos, embora os contos na maioria das vezes tragam narrativas fictícias, eles têm na sua estrutura elementos da paisagem e retratos do modo de vida do sertanejo, suas crenças, saberes, culinária e trabalho. Mais ainda, retrata o modo de vida urdido no sertão, o modo como o sujeito cria e recria seu espaço banal.

Com ênfase nas contribuições da literatura para o geógrafo, destaca-se que a escrita ficcional depende também da base material da existência que serve de substrato para a criação. Assim sendo, uma das contribuições da Geografia e Literatura é entender que o ser humano é movido por sua subjetividade, age e transforma o espaço de acordo com suas necessidades, e que por consequência, este mesmo espaço interfere sobre na formação da subjetividade da pessoa que escreve.

Segundo Albertina (2013), a literatura produzida em Goiás pode contribuir com o entendimento profícuo do processo de regionalização do espaço goiano, os conteúdos indetentários que diferencia essa região das demais. Na fluidez destas análises o sertão comparece como lugar privilegiado da literatura que se produziu em Goiás. O sertão é entendido como um lugar distante do litoral, composto por pequenas cidades do interior, matas fechadas, terra desprovida de progresso e que guarda muitas representações que o negativiza. Tida como terra a ser conquistada por bandeirantes, seu regime político fundado no coronelismo, o sistema de serviço é a exploração de mão de obra de

agregados, peões e meeiros. Representações estas que ganharam espaços também na literatura, mas, por outro lado também contraposta por imagens de terra vasta e rica, paiol de descobertas e guardadora de riquezas minerais a serem desbravadas.

Estas representações atravessaram distintos lugares do território goiano, especialmente a região oeste do Estado, cuja história da formação defronta-se com as travessias de bandeiras, garimpeiros e trabalhadores que ocuparam este território à procura de ouro e pedras preciosas ou, ao enraizar, tornaram-se camponeses na lida cotidiana da lavra na terra.

### **Elementos da formação espacial de Iporá e seu entorno na literatura regional**

Entre os vários processos de povoamento e surgimento das primeiras cidades de Goiás, o garimpo sem dúvida foi importante enquanto o lugarejo para formação de pequenos povoados. Em função do garimpo surgiram várias vilas, e posteriormente cidades, como exemplo desta territorialização tem como modelo a cidade de Goiás, Pirenópolis, Israelândia e Jaupaci, entre outras.

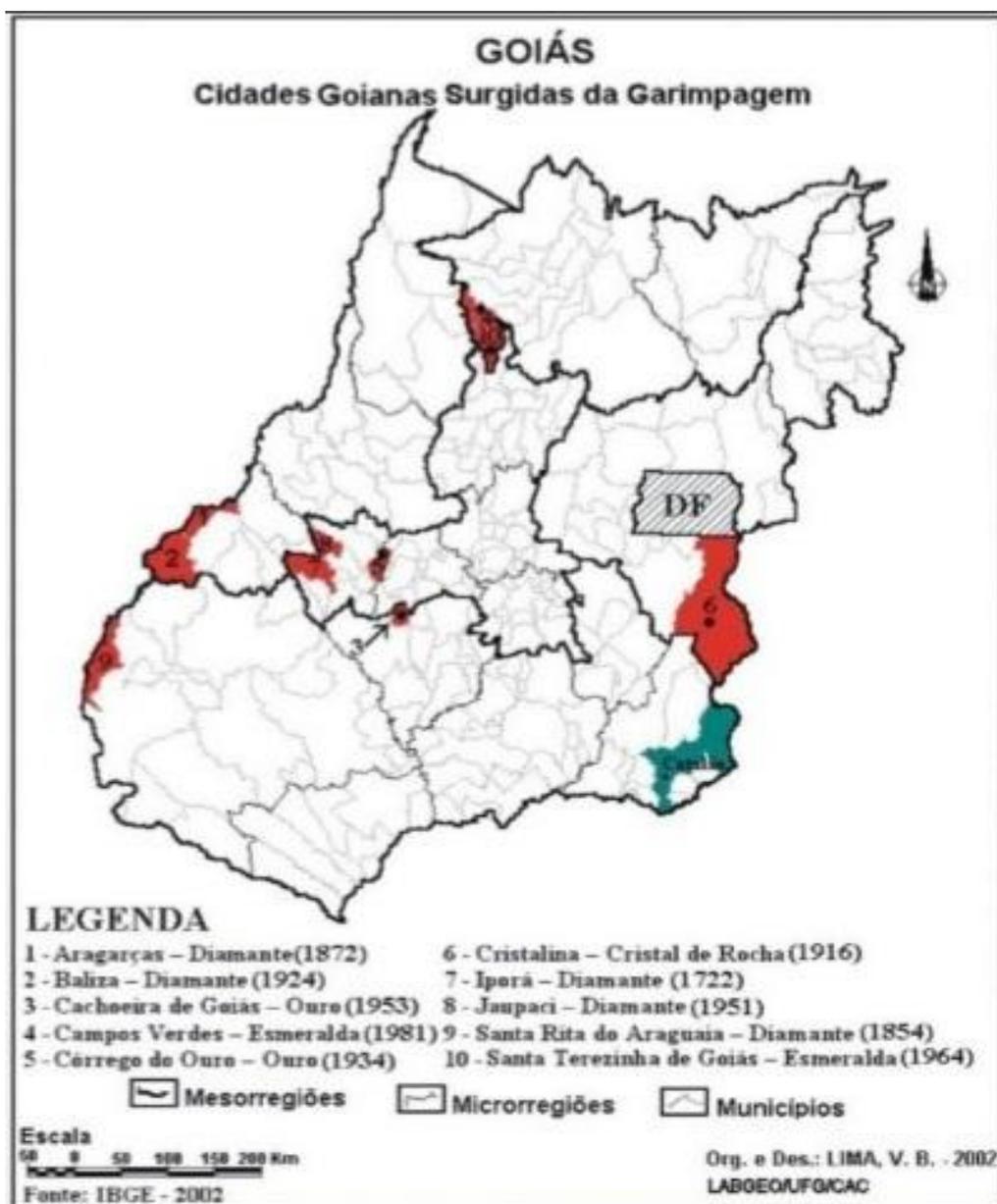
Durante a corrida do ouro- período da historia de Goiás-Tocantins que vai, grosso modo, de 1722 a 1822 e conhecida como período colonial -, todo garimpo em princípio, transformava-se em um núcleo de povoamento urbano, cuja duração no tempo dependia exclusivamente da fartura com que a terra respondia às esperanças dos garimpeiros. Assim, no começo, segundo afirmam os historiadores, Goiás povoou-se e despovoou-se com o ouro. (BARBOSA; NETO; GOMES, 2004, p.64).

Esse Goiás a ser desbravado e ocupado pelas bandeiras à procurada de riquezas minerais no século XVII era chamado de sertão, desprezado pelo colonizador, uma vez que as atividades econômicas e políticas eram concentradas no litoral e sua ligação com a metrópole. Goiás era um “pedaço de Brasil” povoado por povos originários que tiravam seu alimento da própria terra e, com a entrada do invasor bandeirante, tiveram suas vidas devastadas pela ganância e a rapinagem.

Para a defesa e cumprimento das leis portuguesas em relação ao ouro do Brasil, os governadores de minas goianas faziam cumprir as truculentas ordens de sua majestade, o rei de Portugal. Ainda que fossem elas arquitetadas para fazer guerras aos nativos e expulsá-los de suas próprias terras (SOUZA, 1985, p.45).

Com a descoberta de ouro e também pedras preciosas em distintas partes do que se tornaria o Estado de Goiás, surgiram várias formações urbanas. Teixeira Neto (2009) demonstra que a mineração que ocorreu de maneira dispersa e movida pela descoberta de novos veios de ouro e catas de diamantes influiu no surgimento de várias cidades. No Oeste Goiano, por exemplo, os garimpos e o sonho ávido pelas *pedras raras* (os diamantes) exerceram papel determinante no povoamento e formação de várias cidades.

A Figura 1 representa as cidades que surgiram em função do garimpo, entre elas está a cidade de Iporá.



**Figura 1:** Cidades goianas surgidas da garimpagem

Fonte: CHAGAS, F, L. R. 2014

O município de Iporá, assim como outras regiões de seu entorno geográfico, teve como elemento de formação do território e povoamento a influência do garimpo, além de outras atividades econômicas como a pecuária e a agricultura, que permitiram a territorialização e enraizamento de trabalhadores.

O processo de ocupação de Goiás teve início no século XVIII. A corrida do ouro teve papel importante e, posteriormente, já nos séculos XIX e XX, a disponibilidade de terra para a prática agropecuária tradicional, presente em boa parte dos municípios, foi elemento de forte fixação da população, além da colonização espontânea e oficial em zonas pioneiras do Estado. [...] Destaca-se também a extração de pedras preciosas e cristal de rocha, as ferrovias e as rodovias de integração nacional e a expansão recente da fronteira agrícola, baseada nas culturas da soja, cana-de-açúcar e na pecuária melhorada. Assim, todo o processo de ocupação do território goiano, desde o período da mineração, aconteceu de forma diversificada (CHAGAS, 2014 p. 35).

Neste sentido, no caso particular de Iporá e de outros municípios do entorno como Israelândia, o garimpo comparece como atividade histórica de formação socioespacial, imbricado com demais atividades voltadas para o uso da terra, como a agricultura camponesa. Objetivando, assim, as relações socioeconômicas nestes territórios.

No entanto, a busca por pedras e metais preciosos fomentou a mobilidade de pessoas e a ocupação destas terras. As pesquisas consultadas como *Geografia: Goiás – Tocantins* (2004) e *Torres do rio bonito* (1985) permitem esta compreensão, que foi incrementada com análise de contos extraídos da literatura regional goiana. Escolheram-se para isto, narrativas que adentraram no espaço do trabalho, nas sociabilidades e tramas construídas pelos garimpos. As investigações permitiram, portanto, apreender elementos que compõem tempos e espaços da formação de Iporá e seu entorno, quando os garimpos de diamantes povoavam esta região.

Em “O Mistério Dos Diamantes”, de Bernardo Élis, percebe-se como esse conto mostra toda a relação de poder entre a expansão das bandeiras, a procura e o controle de territórios para extração de metais e pedras preciosas e a conseqüente violência contra os povos nativos, neste caso, os nativos caiapós.

Bernardo Élis, neste conto, narra a imensidão da paisagem existente naquele tempo ainda pouco penetrada pelo colonizador, seu difícil acesso às minas. Fala ainda da facilidade de pessoas terem acesso à região devido sua imensidão, de tão vasta que

era ele menciona que os guardas não conseguiam impedir os forasteiros de entrarem na região. Ainda relata a crueldade cometida pelos bandeirantes, que os matava e perseguiram.

O autor (1987) cita a região de Iporá e entorno como “lendária Região do Rio Claro e dos Pilões”, ele referencia cidades como: Iporá, Israelândia, Cachoeira de Goiás, Aurilândia e Jaupaci, cidades estas que tiveram em sua trajetória histórica o processo do garimpo. De acordo com Élis (1987), foi uma das primeiras regiões visitada pelos bandeirantes do ouro e que foram nos rios Pilões e rio Claro que Bartolomeu Bueno encontrou ouro de boa qualidade.

Élis (1987) evidencia que, em 1733, Goiás já era fundada, porém o que chamou a atenção dos aventureiros foi as primeiras descobertas das pedras preciosas, foi quando a região tornou-se atrativa. Porém os índios Caiapós eram obstáculos, pois eles não aceitavam a presença do homem invasor, havendo intensos conflitos entre ambos. Sendo assim, só foi possível explorar a região com o extermínio dos índios, a chamada *desinfecção do sertão*.

Este conto chama a atenção pelo fato da ambição dos detentores do poder da época, como era perversa e ávida pela violência, além de trazer à tona a forte exploração que sempre foram submetidas às regiões que possuíam bens minerais, e que por muitas vezes acabam sendo camuflada, ou não levada em conta nos anais oficiais da história e da geografia ao se explicar o processo de formação regional de Iporá e região. Para que se tenha uma ideia do horror na Região Lendária do rio Claro e rio dos Pilões, o autor relata que:

Para combater os selvagens, contrataram-se os trabalhos de vários cabos de guerra, entre ele Antônio Pires de Campos, o Pai Pirá, e Bartolomeu Bueno do Prado, que arrasaram nações inteiras, como os próprios Araés ou Aracis. De Bueno do Prado dizem que levou para São Paulo [...] 3.900 pares de orelhas. (ÉLIS, 1987, p. 45).

Élis (1987) ainda fala que a cobiça pelo ouro e diamantes era tão violenta, que mesmo correndo o risco de serem mortos pelas capitânicas, dezenas de pessoas adentravam a região, na busca por riqueza. Neste conto fica evidente que: uma região tão grande, e com poucos guardas responsáveis para patrulhar, era impossível impedir a entrada das expedições de aventureiros, o que acarretou em medidas extremas por parte

da Coroa Portuguesa, cabos de guerra, Antônio Pires de Campos, o Pai Pirá, e Bartolomeu Bueno do Prado, por não querer dividir o possível tesouro que pudesse ser encontrado.

No conto, Élis (1987) ainda demonstra que a realidade objetiva em que se deu a formação territorial de Iporá e seu entorno não difere de outras regiões, que também tiveram sua história de massacre e expulsão dos nativos de suas terras. O conto ainda faz referência à questão da paisagem e do lugar, ao falar de suas bacias hidrográficas, extensas dimensões de terras, ele chega a citar que; era impossível, para os soldados vigiar 40.000 km quadrados de matas, os cursos dos rios, os Cerrados, cada soldado deveria guardar 1.000 km quadrados a pé. O que foi impossível devido o tamanho do território, por ter poucos guardas e ocupações, além da vegetação densa.

Outro conto que evidencia na sua narrativa em prosa a ambição pelo garimpo é “O Patuá”, do escritor Bariani Ortencio. Nele o autor conta a trajetória de Izidoro, um homem de muitos talentos, que decide deixar tudo em busca do sonho de ficar rico em pouco tempo, porém vê sua vida quase que findar no trabalho árduo do garimpo. E também de seu leal amigo, Benedito (Compadre Dito), homem simples do sertão, que no sertão nasceu, e neste mesmo cenário findou.

Izidoro saiu de Goiânia em 1938, em direção a Goiás, e seguiu o rumo de Pilões, território onde a princípio localizava Itajubá, primeiro nome dado à cidade de Iporá.

O conto descreve a relação de amizade entre Izidoro e Benedito, sendo possível perceber como o autor retrata o modo de vida dos garimpeiros no sertão, seus costumes, o modo singular de caçar na mata e pescar nos rios. Além disso, trata com riqueza de detalhes o conhecimento do garimpeiro em reconhecer e extrair do sertão ervas medicinais que eram usadas em diversos males típicos dos tempos do garimpo.

Saia pelo mato e andava em busca de ingredientes para a sua terapêutica sertaneja. Das taperas trazia as folhas do melão-são-caetano que, maceradas e em infusão, curava a maleita, que era conhecida lá, apenas por febre. Café cru e meio verde, pilado e, em infusão, outro santo remédio para a maleita. Para febres comuns ele pegava quina. A bronquite, a asma do velho preto [...] [...] [...]Benedito, Izidoro buscava, no terreno salobro, os brotos de embaúba e, sobre os barreiros de argila, trazia os brotos do assa-peixe branco que, com os da embaúba, manipulava xaropes de casca de angico, casca da fruta do jatobazeiro. Com a casca do angico e do barbatimão, grandes adstringentes curavam feridas. Para o fígado e os rins, chá cagaiteira, congonha-do-campo

ou chá-de-bugre e douradinha, esta o mate do nosso sertão. (Ortêncio. 2011, p. 81).

O conhecimento popular sobre crenças e mitos também embasa o conto. Nesta narrativa fica evidente como era hostil o local de garimpo, como a cobiça por enriquecer rápido tomava conta do indivíduo a ponto de ver sua vida se afundar em um mar de tristeza, doenças e solidão. O que muitos desconhecem, e que é retratado no conto O Patoá, era como se desconstruíam as famílias naqueles tempos. O pai de família que movido pelo vício do garimpo muitas vezes deixava esposa e filhos na busca pelo *bamburro*. *Bamburrar*, assim os garimpeiros diziam quando se encontrava um grande achado e se enriquecia com a venda do metal ou pedra preciosa.

Ainda era comum no sertão goiano o garimpeiro ser enganado pelos compradores da pedra preciosa, os chamados *capangueiros*, que pagavam valores inferiores aos garimpeiros e lucravam com a ruína destes pobres trabalhadores de riqueza.

É possível identificar como o autor trata da relação do empregado (sujeito explorado) e patrão dona da terra de garimpo, que comparece na figura de algoz, pois esgota o trabalho e saqueia Benedito.

Depois de ter explorado as possibilidades interpretativas inerentes aos dos dois contos, ficou evidente que ambos oferecem ao leitor fontes para identificar nas narrações a forte presença dos garimpos em meios físicos e paisagísticos da vida social e econômica que permeiam a formação dos lugares em Goiás.

Ademais, o diferencial em estudar contos está na leveza de sua escrita, no modo diferenciado de como os autores os escrevem, ao grafar a riqueza de detalhes. Além da forma fluída e descomplicada, de fácil entendimento, os literatos conseguiram dar vida à história dos garimpos usando a subjetividade no modo de ver e perceber o espaço. Espaços estes que fizeram presentes na formação espacial não só de Iporá e seu entorno, como também de outras regiões goianas e brasileiras. Ademais, destaca-se a importância dos usos dos contos e da literatura de maneira geral como fonte de pesquisa em várias modalidades da educação, incluindo o ensino da Geografia.

## **Considerações Finais**

Esta pesquisa possibilitou demonstrar como a literatura regionalista permite identificar nos contos elementos históricos e geográficos do processo de formação espacial de municípios que compõem o Oeste Goiano-GO. Em especial, revelar como o espaço do garimpo narrado nos contos escolhidos nesta pesquisa permeia de forma significativa os primeiros povoados, as vilas. Expõe como era a ocupação do espaço de acordo com a exploração de diamante.

Diante do que foi exposto fica evidente que a Geografia e a Literatura dialogam e podem ser utilizadas nas ações interdisciplinares de ensino por oferecer ao leitor possibilidades de múltiplas formas de análise das categorias geográficas presentes tanto nos dois contos considerados, como em todas as obras ressaltadas neste artigo. Foi possível constatar que a literatura, mesmo que comprometida com a ficção, fornece elementos essenciais para compreensão da formação do espaço geográfico, por relatar elementos tanto físicos quanto humanos, extraído de realidades objetivas e simbólicas.

Se considerarmos que a educação precisa de novos métodos de ensino para acompanhar as intensas mudanças ocorridas no espaço, estudar obras literárias em salas de aula é uma ótima alternativa, por oferecer aos educadores e educandos múltiplas alternativas de aprendizagem e leitura. Na literatura, a subjetividade do autor pode detalhar as riquíssimas particularidades sentidas no contato material e simbólico com determinada região, como a que aqui foi considerada tendo os garimpos e sua relação com a formação espacial de Iporá e seu entorno.

Um exemplo sublinhado refere-se ao aprendizado, desde os primeiros anos do Ensino Fundamental, sobre a história de Goiás, assunto presente no livro de Geografia e História. Ao conhecer a história dos povos indígenas, seus grupos e cultura, as bandeiras e exploração do ouro em Goiás, as obras literárias podem colaborar com as fontes de interpretação consultadas. Portanto, incluir fontes da literatura neste processo de aprendizagem e formação revela-se como um vasto continente pedagógico disponível para uso cotidiano do professor.

## **Referências**

ALBERTINA, Vicentini. **Regionalismo literário e sentidos do sertão. Sociedade e Cultura**, Goiânia, Vol. 10, Núm. 2, pp. 187-196, julho-dezembro, 2007, Universidade Federal de Goiás Goiânia, Brasil.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO v. 1, n. 2, p.174-186, dez., 2007.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Louvores à terra, incisões espaciais: a voz geográfica dos hai-kais de Joaquim Pedro**. De 07 a 10 de outubro de 2013. Mimeo.

CHAVEIRO, Eguimar Felício.; BORGES, Júlio César Pereira. Fazenda-roça goiana: matriz espacial do mundo sertanejo de Goiás. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, Uberlândia (MG), v. 10, n. 20, p. 440-467, jul., 2015

CHAGAS, Frank, Luiz Rosa. **Caracterização do espaço urbano de Iporá no período de 1970 a 2010**. 135p. Dissertação (Pós-Graduação em Geografia), Universidade Federal de Goiás/Campus Jataí – GO – Regional Jataí, 2014.

ÉLIS, Bernardo. O mistério dos diamantes. In: ÉLIS, Bernardo. **Alma de Goiás**. VI. 4. Rio de Janeiro: José Olympio J.O. Editora, 1987. 94p.

GOMES, Moizeis Alexandre. **Uma viagem no tempo de Pilões a Iporá**. 1º ed. UEG – UnU de Iporá. Gráfica e Editora Nova Página. 2002. 295 p.

GONÇALVES, R, J. de A. F. **A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho no município de Coromandel-MG**. 2012. 274 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), UFG, Catalão-GO, 2012.

GOMES, Horieste.; TEIXEIRA NETO, Antônio.; BARBOSA, Altair Sales. **Geografia: Goiás-Tocantins**. 2a ed. Goiânia: Editora UFG. 2004.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo Marandola. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v.3, n.2, 2013.

MARANDOLA JUNIOR, Eduardo.; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação**. 1º ed. Londrina: EdUel, 2010.

ORTENCIO, B. **Sertão sem fim**. Goiânia: Editora da UFG, 2011.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. Edusp 50 anos: São Paulo, 2002. 90p.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. 6. ed. Editora Recorde: Rio de Janeiro São Paulo, 2001.176 p.

SOUSA. Adjair, Maranhão. **Formação espacial do município de Iporá (GO): apropriação capitalista da terra e formação da pequena propriedade rural**. 157p. Dissertação (Mestrado em Geografia), Programa de Pós-Graduação em Geografia/PPG-GEO-Stricto Sensu-Universidade Federal de Goiás-Campus Jataí, 2015.

SANDES, Noé. Freir. **Marcas de fundação: identidade regional e historiografia.** Disponível em: <file:///C:/Users/User/Documents/4%20ano/484-1397-1-PB.pdf>. Acesso em: 01 de dezembro de 2017.

TEIXEIRA NETO, A. **O território goiano-tocantinense:** formação e processo de povoamento e urbanização. Goiânia, 2009. Mimeo.

TEXEIRA, R. D. O sertão de Goiás na literatura de viagem. **Revista Mosaico**, v. 6, n. 1, p. 95-105, jan./jul. 2013

SOUZA, Eurico. **Torres do rio bonito.** Apoio cultural: Cooperformoso cooperativa Agroindustrial Rio Formoso Ltda. 1985.

---

#### Sobre a autora

##### *Vanúbia de Oliveira*

Possui Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá.

---

#### Sobre o autor

##### *Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves*

É doutor em Geografia pelo Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás - IESA/UFG (2016). Mestre em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás - UFG / Regional Catalão (2012). Graduação em Geografia pelo Centro Universitário do Cerrado - UNICERP (2007). Atualmente é professor do Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás - UEG / Campus Iporá, e do Mestrado Acadêmico em Língua, Literatura e Interculturalidade - POSLLI, da UEG - Campus Cora Coralina. Editor Chefe da Revista *Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais*. É pesquisador colaborador externo do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER/IESA/UFG). Pesquisador colaborador dos Grupos Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS / UFJF) e Trabalho Território e Políticas Públicas (TRAPPU / IESA-UFG). Foi da diretoria da Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB - Seção Goiânia (2014 - 2015). Tem experiência na área de Geografia, com ênfase em Geografia Agrária e Geografia do Trabalho. Dedicar-se ao estudo e pesquisa dos seguintes temas: geografia e literatura, agricultura familiar camponesa, pesquisa qualitativa em geografia, território, conflitos socioambientais, mineração e Grandes Projetos de Desenvolvimento.

---

Artigo Recebido em Novembro de 2017.

Artigo aceito para publicação em Dezembro de 2017.